

É sempre nunca



Por **PRISCILA FIGUEIREDO***

Cinco poemas.

Para Adriana Braga

("O Rafael [Braga] vai ser solto amanhã, sexta", eu disse. Ela respondeu de forma resignada:

'Nunca me dizem

nada'.^[1]).

O Rafael vai ser solto amanhã
avisou, em visita, a jornalista,
e a mãe, mal disfarçando o orgulho
já ferido por saber de segunda mão,
branca, infamiliar e fina,
a notícia que aguardava tanto,
então se ressentiu
mais que se resigna:
"Nunca me dizem nada..."

Nunca lhe dizem nada!

é sempre nunca

é sempre nada

são sempre eles

Ainda os rins lhe doíam,
como um cinturão apertando
a memória e a expectativa.
Foram muitas as notícias que esperou,
foram muitos os chamados
por que despertou mais cedo
e, desviando de sua rota,
jamais chegaram.

Muitos foram os que evaporaram
na madrugada, e seu rumor
ela jurava ter ouvido
de dentro dos sonhos
ou remando no ar.

é sempre nunca

é sempre nada

Tossindo muito,
o rapaz se aproximou da casa,

a terra é redonda

fraco, mutilado de guerra,
um envelope de remédios entre os dedos —
não deve ter ouvido a mãe dizer:
“Vem justo agora
que eu ia tomar o meu café!”

Quase não era justo mesmo que abrisse
mão do café e de seus míseros minutos,
fazendo tempo que já o tomava sozinha.
O que vinham a ser em contraste
com o ano inteiro
desde que o filho estivera preso?
Quantas vezes, quantas
se preparou em vão,
perseverou, andou, andou
tão constante quanto leviano
era o processo no tribunal?

Sobre a mesa,
inesperados,
como os repórteres todos,
os gerânios ainda ouviam
“nunca me dizem nada...”
desaparecendo no ar.

Aquele soberbo Fícus

faz tempo que está em litígio com a rua...
Não bastou ser um titã para romper
uma a uma as amarras de concreto que constroem
os ancestrais, amplos movimentos.
Se nos afastamos, vemos bem a imagem de um
formidável veleiro atracado na calçada.

Ele, em quem esperaram alegria, sombra vasta e beleza,
ele, a quem jamais perguntaram o que desejava
nem o de que precisava,
mais de uma vez deve ter fabulado em seu exílio:
“São tantos assim como eu,
somos robustos -cerraremos fileiras;
nosso cipoal
haverá de enlaçar e esganar esta cidade inteira!”.

Deformado, coberto de varizes grossas,
a dor e o ódio lacerando o outrora pacato
coração de madeira,
quer agora nos mostrar, não sem lamento,
o orgulho de gigante a rebentar o teto de cimento,
até que lá no alto,
na maçaroca de fios, elétrica e feia,
baterá com a cabeça,
enroscando os braços prisioneiros.

Transformado em fera, a quem tentam amordaçar,

será morto, mas morrerá brioso.

Nunca fui fã de poemas que falassem da poesia –
a razão exata disso? Não sei
mas não custa tentar saber:
deve ser porque ao poeta, nesse dia,
não lhe ocorre nada, nada mesmo –
nenhum rumor, um ritmo,
nenhuma palavra em especial o inspira,
tilinta em seu espírito,
uma qualquerzinha de que ele pudesse
derivar por mero acaso um mundo,
ou um mundo em ocase, talvez o seu mesmo,
e tudo isso acontecendo sem que ele
previsse nada de nada.

(Como não previa Saul que o fossem saudar
como rei, quando tinha apenas saído a buscar
as jumentas perdidas de seu pai.
Depois de um mago lhe falar de seu
elevado destino, ainda assim Saul
quis saber do destino das jumentas:
“não ocupes o teu coração com elas
porque *já* se acharam.”)

Também pode ser,
no caso dos que concebem em sonho,
que a sua usina entre em greve,
nem mais um verso abotoe
na noite inconstante e inconsciente.
Esse tipo no entanto não se aflige, espera.

Às vezes também ocorre de o cansaço
levá-lo pela mão até a poesia
sem que precise para isso falar dela.
Ele segue a divisa:
“Mais faz quem Deus ajuda
que quem cedo madruga” –até porque
cedo, na sua cama, ele ainda
está fazendo poesia.

Mas não sendo ele dessa espécie demiúrgica,
então começa a dizer como está fatigado,
como quase está desistindo,
a poesia anda mais impossível, as palavras
prostituídas e sem frescor, e tirá-las da rua
é duro como quebrar pedra (coisa que ele mesmo
toda hora está fazendo).

Reclama tanto até por fim se espantar:
“Não é que escrevi um poema!”.
Me sinto um pouco ludibriada – não sei
se vocês se sentem também.

a terra é redonda

Você viu como a lua ontem estava linda?

Vi, vi sim, minto envergonhada, o suficiente
para minha amiga descrever mais um pouco
como era deslumbrante a imensa bola de fogo
e suas fulgurações vermelhas no céu cinza.
Mas eu não tinha visto nada na verdade –
faz tempo que não estico o pescoço para cima...

Em todo caso perguntei: e hoje
você acha que ela continua assim, desse jeito?
Não, o último dia do eclipse foi ontem!
É por isso que ela parecia ser de sangue.
Eu fico quieta e com uma certa culpa
por viver com a cabeça... na lua
justamente,
a do passado e dos devaneios,
revendo as noites claras de uma quadra na infância,
do cinema, dos filmes de lobisomem,
da poesia de todos os tempos.

– Mas e este satélite de meu tempo?, me repreendo.

A culpa mesmo é da cidade, vou lá
caçar poesia entre empenas e espigões?
Já me dei por vencida nesta luta,
me resignei – há coisas mesmo
inalcançáveis na vida,
e então olho para a frente, às vezes pra trás,
para os lados, é certo, de vez em quando
para baixo – pedra e merda no caminho empatam –,
mas se não goteja bem em cima da minha cabeça
ou não sigo os passos dum gato ou do vizinho,
dirigir os olhos para o alto é cada vez mais raro;
quando viro a nuca para trás, erguendo o queixo,
já sinto que não é mais hábito, como se a
dobradiça tivesse enferrujado.

Deve ser por isso que não gosto
de fogos de artifício; a “merencória monja”
entrou na mesma ordem, e nessa ordem
não distingo a natureza do artefato.
Por um momento as pessoas param e dizem
“Olha que lindo!”, mais filmam que olham
qualquer que seja o espetáculo;
me puxam, me fazem levantar da mesa, e
me controlo pra não ser estraga-prazeres.

Não, me deixem em paz,
os muros de cimento nos enterraram vivos;
a cidade é uma cama de espetos, e entre estes
estrelas vêm meter seus braços de detentas.
Conformada, não careço de horizonte —

a terra é redonda

quantas espécies não vivem sob a terra
e têm passado muito bem sem ele?
“Mas temos as telas!”
Então -não está mais que bom?

Midas

“Númen (lhe respondeu) manda que tudo
Que tudo que eu tocar se torne em ouro”
(Ovídio, *Metamorfoses*, trad. de Bocage)

Sabia o deus que o desejo era insano,
mas grato a Midas pelos festejos
de dez dias, lhe concede o mal que o outro,
por equívoco e cobiça, julgava bem.
Galho, terra, maçãs e portas,
iguarias, licor, janelas, a mão
de sua companheira, a de
seus filhos, o próprio tornozelo
- não há o que toque que fuja a ser ouro,
e se este maravilha, logo tosta o olho.

A paisagem perde as cores, tudo para onde
estica o braço metaliza, silencia.
Os sons recuam,
as águas pesam de douradas,
os pássaros, brilhosos, caem duros.
Não pode mais comer
que ouro não se come,
nem tem com que matar a sede.
Todo rosto a sua carícia torna rígido.

Não pode mais dizer se o pão dourado
sobre a mesa estava quente ou já esfriava,
se o regato ia manso ou se apressava.
Por desconsolo chama o cão amigo para perto,
mas ao lhe por a mão seca-lhe o focinho,
amarela o preto do pelame inteiro -
todo ele agora é um animal de ouro,
sarcófago de si, que já está morto.

Que monótona se tornou a vida de Midas:
as noites rasgam claras como o dia,
o dia mais claro como jamais fora.
Tudo o que cintila é cinza de tudo.
Sileno em sua complacência não pensara
que atendendo ao pedido empobrecia -
de ouro! - a paisagem de todos.
Logo viu o rei, desaparecidas as cores
e a natureza própria das coisas,
que lábios fulvos e duros não beijavam,
e as mantas de metal - como pesavam!

Desejou então rever o mundo plástico, onde os
entes se dissolvem beijam refluem concedem,
e mergulhou na corrente de um rio. Os deuses
são benignos, disse Ovídio, que ainda nos contou:
ali lavou o corpo e lavou o crime – e o mundo,
concluímos, foi a ele como aos outros
devolvido de novo.

***Priscila Figueiredo** é professora de literatura brasileira na USP. Autora, entre outros livros, de Mateus (poemas) (*Bem te vi*).

Nota

[1] A partir de reportagem de Juliana Passos para a revista Piauí, 19 de setembro de 2017. O poema, escrito no mesmo ano, foi revisto mais uma vez para a presente publicação, mas já tinha sido publicado antes na revista InSURgência: Revista de Direitos e Movimentos Sociais, 4(1), 2018.